

## O DRAMA DA SÊCA NO SERTÃO NORDESTINO

GUSTAVO BARROSO

*Ainda no início de sua carreira literária, GUSTAVO BARROSO escreveu um livro de alto interesse para o geógrafo — Terra de Sol, em que focaliza aspectos sugestivos do sertão do Nordeste brasileiro. Particularmente as três primeiras partes da obra contêm preciosos subsídios para o estudo daquela porção de nosso território, pois nelas descreve os contrastes do clima, a pecuária, a agricultura, os animais típicos e os principais tipos humanos. São desse livro, que deve figurar na biblioteca de todos quantos se interessarem pela geografia do Brasil, as páginas cheias de vida e de palpitante atualidade, que aqui vamos transcrever.*

Morrem docemente os últimos dias de junho. Nunca mais chove. A concha do céu é dum azul inclemente que ofusca, profundo e impenetrável como a imensidade, sem uma nódoa branquicenta de cirros, muito limpo, muito nú, muito alto. O Sol, rutilante, só, sem uma nuvem, flameja, joeirando centelhas nas micas dos pedregais. Dias e dias não sopra a mais pequena aragem; não braceja um galho, e pesa um silêncio de túmulo por sobre a vastidão das coisas.

Quando o vento sopra, cái em rajadas fortes, ardentes, gemendo e murmurando nas catingas sem folhas, varrendo a terra nua de gramíneas, as clareiras achanadas, escarnando-as, levando a areia, para depositá-la no alto sertão, nas chapadas do centro, deixando a emergir do solo raspado, desnudo, estrias de folhêlhos endurecidos, pontas rijas de granitos.

Todo o sertão é duma grande tristeza, na côr, no silêncio, no aspecto; e essa tristeza em tudo se infiltra e impregna tudo: um galho que range de encontro a outro lembra um gemer de moribundo; o estalar crepitante dos gravêtos pisados por qualquer animal parece um soturno falar de avantêsneas; um canto de pássaro, um alto pio d'ave de rapina, um guincho de pixuna (1),

(1) Pequeno rato selvagem.

tudo é triste, tudo é melancólico. Qualquer som que quebra o silêncio parece mais triste que o próprio silêncio.

Da terra côr de oca, avermelhada, da argila granitada de grossa sílica, dos granitos rompendo a terra em pontas que se adunam e denteiam desajeitadas, esparsas, às vêzes rubras, outras branquicentas, outras sujas, tórvas, quase sempre inclinadas para resistirem à crosão das águas, desprende-se um bafo de quentura armazenada; e o barro de louça, o tijuco, o massapê cinzento das várzeas, já todo estriado, abre-se, fende-se, lasca-se, escancela-se ao calor. Nos meses de inverno, o gado deixou-lhe na molêsa visguenta a fôrma profunda dos cascos. Veio o sol. Os moldes ficaram endurecidos, cozidos à canícula; os bordos rijos espetam e cortam; só a planta rude e cascuda do sertanejo pisa insensível por ali em fóra.

Nas várzeas extensas que perlongam os rios, onde as carnaúbeiras guardam a memória do seu sofrimento nas grandes sêcas passadas em cada cintura do caule atrofiado à falta de seiva, o carnaúbal, abandonado dos frutos e dos pássaros, sussurra dolorido, saudoso; entristece, murcha, acinzenta-se, como se o Sol e o vento o empoeirassem. E a folhagem dos arvoredos vai amarelecendo aos poucos. As folhas dos marmeleiros agrestes do carrascal para logo pendem, avermelham e cáem, juncando semanas o solo nú, como descoradas manchas de sangue, até que um dia a brisa da tarde as leva e espalha em turbilhões, pelo ar como grandes azas palpitantes de borboletas mortas. Depois, as árvores vão-se destoucando e se vão despindo; e por todo o comêço de agosto o olhar experiente e observador vai notando que dia a dia se desnuda mais uma árvore. Ontem, foi o páu-branco que ensombrava o canto do curral; hoje, a umarizeira que beijava o telhado da casa; amanhã, a ingazeira esganhada que dominava o terreiro; depois, a catanduva alta da capoeira próxima; depois, as sabiás do cercado, os jucás da varjota, os molungús da baixa, os anjicos, as juremas, as umburanas; e, por fim, todas, todas, todas... Começa o letargo dessa vegetação interessante, xerófita ao tempo da sêca, higrófita no "inverno", morta e ressequida na aparência, enquanto que, silenciosa e latente, a seiva fermenta nos seus fortes órgãos de repouso e hibernação.

Ao princípio, ainda a vegetação das crôas ou terrenos de aluvião nos cotovêlos bruscos dos rios; a das caatingas enormes, resistem, enquanto que a dos carrascos logo se fanou e morreu, estorcendo-se os galhos negros, sem folhas, como destriamados sarmientos de vide numa grande cêpa abandonada.

Poucas árvores ficam eternamente verdes e orgulhosamente ostentam sua força extraordinária e sua vitalidade imperecível, num doloroso contraste com a miséria que as cerca. São a oiticica, o juazeiro e a canafistula.

Os cardos, o mandacari, o xique-xique, o facheiro, não morrem; filhos da pedra e do areial, não sentem o efeito das secas. O matuto atira-os às braçadas em fogueiras e, quando o fogo já lhes queimou os duros espinhos, limpa-os para o gado comer. Os jumentos comem-n'os com voracidade. O próprio homem, quando a miséria é grande, assa-os às brazas e devora-lhes o miolo branco, salôbro, fófo.

A natureza compungida tem o desolado aspecto da desgraça e se recolhe no grande silêncio do sertão combusto, somente quebrado pelo som de picaretas que escavam a terra, perfurando poços, ao longe, na luta terrível do homem pela água, que avaramente se esconde nas baixas camadas do sub-solo, além de piçarras desagregadas, de arenitos, fugindo à aproximação do sertanejo sequioso em veios esquivos que fluem entre rochas e serpeiam em condutos envesgados.

Por vezes, uma réz horrivelmente magra arrasta o passo tardo, vagaroso, apartando aos tropeços os garranchos de mato seco, chagada, o cabelo a cair, suja, muito triste, — imagem viva da fome a buscar alimento, estátua animada da sede a procurar água, resfolegando de cansaço e fraqueza, arquejando ao calor, os olhos vítreos pregados ao solo e mugindo, dolorosamente mugindo.

O pasto seco, porém substancioso e nutritivo, acama-se nos "limpos", nos prados, nas capociras, e dura muito tempo alimentando o gado. Mas, às vezes, por infelicidade, nesses meses de seca cai uma chuva inesperada, extemporânea, molha o pasto e fá-lo apodrecer, muito embora o Sol lhe seque as primeiras camadas. É enorme, então, o prejuízo. O panasco, o mimoso, o milhã, todas as graminças, quando a seca demasiadamente se prolonga, de muito ressequidas e fanadas, desprendem-se do solo; varre-as, então, o vento, quando sopra rijo, escarnando o chão, carregando a argila para longe, deixando à mostra a ossada granítica da terra. Mas, num cantinho, numa frincha do terreno, numa grêta da rocha, ficam as sementes miúdas, invisíveis, com o seu poder de longa germinalidade, na muda paciência dos inanimados, esperando que a chuva ensopie a boa mãe das plantas, para brotarem de novo.

Não é quase sempre, como se pensa, a falta total de chuva que faz a miséria dos sertões do Norte. É antes a sua inconstân-



*Aspecto da cutinga do Nordeste*  
(Desenho de Seth)

cia e a sua extemporaneidade, acrescidas das circunstâncias delas próprias decorrentes. Mostro alguns exemplos: Um indivíduo planta um roçado de milho; êste cresce e apendôa; é-lhe necessária uma chuva que o livre da lagarta. Não chove. A lagarta devora a plantação. Num terreno dum antigo roçado, planta algodão; êstes cresce e flora; são-lhe precisos uns tantos dias de Sol para que se desatem e branquejem os capuchos. Contra todas as regras, previsões e experiências, num dia de Sol ardente, cáí uma chuva súbita, brutal, e "queima" todo o algodão. O pasto está "encanado" e prestes a sementar; falta uma hora de chuva. Não chove. O pasto morre. Depois de morto, a chuva cáí.

Tanto assim é que, quase sempre, numa parte do sertão há, depois do "inverno", muito pasto e nenhuma água — as chuvas finas e constantes criaram o capim, mas não encheram poços e açudes; noutras há muita água e nenhum pasto — as chuvas fortes e pesadas encheram os reservatórios e mataram a pastagem. Até, neste último caso, o matuto diz que a chuva "lavou" o pasto, enfraquecendo-o.

\* \* \*

Muito tempo dura o pasto sêco, como reserva de alimento, quer em capoeiras, quer em cercados adrede feitos, se o não fizer apodrecer uma chuva súbita, fóra de tempo, se um comboeiro descuidoso ou um passageiro indiferente não atirar uma ponta de cigarro acêsa, um morrão fumegante de cachimbo no meio do capinzal.

Então crepita e estala uma touceira de capim. A chama cresce, devora-a, passa a outra, cresce mais e mais. Um balde de água, um sapatear de pés fortes apagaríam aquêlê nascer de incêndio. Mas ninguém viu e ninguém sabe. Sôbre aquêlê clarão incipiente sômente se arqueia a indiferença do céu e aos seus pés estende-se sômente o plano vasto do sertão.

Surgem labaredas do solo, erguem-se alto em convulsões epilépticas no ar, alanciam rubramente o espaço, lambem os troncos lisos e direitos das carnaúbeiras, tostando-os, tiçando-os, enegrecendo-os. Aumentam. Correm por sôbre o capinzal com incrível velocidade. Atiram-se aos capões de mato sêco, esgalhado, garranchento, como vagas, num tunbilhão coruscante de labaredas que se enroscam, estortegando, de brazas que vôam, de faiscas que cintilam, de galhos que se estorcem debatendo-se, que fagulham, gemem, estalam e bradam!

Passa no ar um hálito abrazado, e o vento açoita, silvante, riço, a torrente de fogo, curvando, acamando as línguas rubras, como outrora acamava os túfos do panasco, levando pelo espaço o rumor crepitante da queimada.

E o incêndio temeroso, doudejante, ensangüentado, galopa, vòa e vai queimando, queimando... As altas chamas enoveladas afastam-se, chofram-se, investem fúrentes, rabeiam, baralhando-se; destramam-se, lambendo as folhagens encarquilhadas e os troncos resinosos que estrondeiam e atroam, fumarando...

Enquanto lambe os carraçcais e devasta as várzeas, é simplesmente terrível; mas quando ganha as catingas ressequidas e imensas, tem a grandeza trágica das coisas formidáveis.

Um sertanejo, passando descuidoso no viso dum sêro distante, andando a espreitar a caça, rara e esquiva, nos roçados desertos, ou cochilando de calor à sombra do alpendre, sente o bafêjo ardente da queimada, ouve a crepitação longínqua do mata-gal sêco, vê a labareda altear-se e o fumo que se eleva, rubro e sangrento em baixo, quase negro, pesadamente turbilhando, depois, já esbranquicento mais em cima, por fim diluindo-se no céu claro com a transparência suave das névoas esgarçadas. Solta o alarma: estruge pelo sertão, pausado, rouco, sinistro, o som dos lúsios da praia; ecôa nas quebradas o toque roufenho das businas de chifre.

Correm vaqueiros, donos de fazenda, agregados, jornaleiros, todos de foice, de enxada, de machado, — e lá se vão atalhar o fogo, combatê-lo, dominá-lo, decididos e audazes. O flagelo é comum; a salvação será para todos: ninguém hesita.

E começa a luta do homem contra a chama.

As enxadas se abatem, os machados rebrilham com tons flameos nos gums brunidos. Faz-se um aceiro. Rasga-se no mato forte, espinhento, um largo trilho, bem limpo de ervas e gravêtos. O fogo chega ali, queima ferozmente os últimos ervaços sêcos, enrodilha-se nos últimos arbustos; depois, fenece, abranda e morre num crepitar final de galhos resinosos, num derradeiro borbulhar de fogachos rubros. Está salva uma grande zona, seus matos, pastagens, cêrcas e edificações. Mas acontece, e não raramente, que, na precipitação, o aceiro é mal limpo e o fogo transpõe o impecílio pelo leve fio duma haste de capim; ou, então, o vento é forte e as fagulhas vão levar o incêndio mais adiante, além do aceiro — como se fossem o polen da destruição.

Ninguém desanima. A serenidade admirável do sertanejo não se turva. A luta recomeça mais encarniçada e mais terrível.

Quase sempre saem vencedores aquêles homens enérgicos, brônzeos, que, a sorrir e a gracejar, de ferros em punho, perolados de suor, coloridos os rostos rudes de reflexos vermelhos, cortam caules, talham ramos, decepam galhos, degolam arbustos, falquejam troncos, abatem árvores, titânicamente. Se, porém, de exaustos e impotentes renunciam à resistência, o fogo lava pelo sertão em fóra, dias e dias, até morrer exaurido à margem dum largo rio séco — aceiro natural, ou num descampado já comburido pela estiagem, que nada mais tem para dar de pasto ao incêndio: e a terra desolada alonga-se estéril e negra, calcinada pela chama voraz e inquieta da queimada e pela chama imutável, silenciosa, intangível do Sol impietoso, caíndo do alto, da cúpula de aço do céu, com a inexorabilidade dum anátema. Durante o fogo, as cercas das pastagens e plantações caem reduzidas a carvão, os gados fracos correm espavoridos; há cabanas que se incendiam, animais bravios que fogem — raposas de pêlos eriçados, cascaveis silvantes aos botes, gatos bravos de olhos em fogo, caxinguelês (2) arripiados, a pular.

Depois da queimada, toda a zona onde o fogo lavrou é um imenso coivalal, um vasto plaino coberto de cinza, com toros negros que emergem, dum feitiço de animais estranhos: os troncos retorcidos, com ramos que rompem esgalhando-se, semelham hidras; os toros decepados, atochados, curtos, parecem feros e desconhecidos bichos acorados, à espreita, e os galhos mortos se estiram, como grandes serpes negras, carbonizadas, as escamas a se desprenderem. O vento ergue redemoinhos de cinza e detritos leves, duma finura de poeira, que esvoaçam, toldam a luz ardente do Sol, espiralam, dansam em farândola, depois se dissolvem no ar.

È quando os cães famintos, os caracarás, as acauans e os gaviões de toda a espécie se achegam a procurar animalejos assados no imenso brazeiro. À noite, pé ante pé, aproximam-se as raposas, com o mesmo fim. E, na escuridão, os olhos fosforescem, quando elas uivam em doidos saltos e macabras correrias.

Muito tempo decorrerá antes que a chuva dos "invernos" faça brotar folhinhas tenras daquêle chão calcinado e mais de meio século, para que o luar derrame lágrimas de prata ao longo dos troncos lustrosos de novos carnaúbaís! E talvez nunca mais isto aconteça: ali fiquem eternas a agrura e a desolação.

\* \* \*

(2) Pequeno esquilo.

Passa-se o mês de agosto, passa-se setembro, e outubro se passa. Não chove. Nunca mais chove. Em outubro, nos "anos bons", caem umas chuvas finas, que no litoral se chamam — *chuvas de cajú*, e no sertão — *chuvas de rama*; mas isto é falho e não passa quase sempre duma trêfega esperança.

Na natureza, não desabrocha um sorriso; o céu não derrama uma lágrima; o Sol refulge sempre; e a copa verde dum juazeiro ao longe, perdida nas catíngas esqueléticas, tem um tom de raridade e de heroísmo. O sertão fica seco, nú, inóspito, quase negro; estende-se em ondulações desnudas, apontadas de mirrados capões. O céu é árido, sem manchas — como se fôra varrido por um vento de maldição. A lama dos brejos e dos alagadiços, ressequida, crestada, torna-se uma areia encaroçada, escura e grossa, que se esbarronda e se esfarinha ao pisar. O chão combusto, quase negro, duma grande melancolia e duma grande esterilidade, como que se concentra de dôr. E, sob a eterna e inexorável vibração da luz, não rasteja no solo uma gramínea, nem geme nos arvoredos uma só folha... Os esqueletos das árvores parece que se estorcem de sofrimento e, nas estratificações do subsolo, deve ser horrorosa a tortura das raízes sequiosas, enroscando-se de avidez e desespero, os pêlos absorventes num arrepio faminto... Na barranca dos açudes, raros coqueiros caducos agonizam, bracejando as frondes murchas.

O gado demora nos felizes rincões, onde ainda existem uns restos de secas pastagens acamadas nas abas das serrotas, que são como grandes manchas alouradas ou cinzentas, pormenorizando-se no uniforme matiz pardacento da terra.

É quando o sertão fica "preto", no singelo dizer do matuto. Então, o fazendeiro que possui cercados, com reservas de pasto, nêles vai botando as rézes que começam a enfraquecer pela má alimentação.

\* \* \*

As vêzes, em julho, a água começa a faltar. Os açudes mal cheios pelo "inverno", quase sempre escasso, logo secam; o mesmo já tem acontecido aos poços dos rios e às ipueiras (3) dos matos. O gado só tem, então, para beber, certas cacimbas que, por umas tantas condições geológicas de suprimento de água, custam a secar ou não secam nunca. Há cacimbas que jamais deixaram de ter água, não só nas estações secas de todos os anos, como nas

(3) Poços d'água limpa nas depressões de terreno.



verdadeiras crises climatéricas. Essas ficam logo afamadas pelo sertão inteiro, e o povo diz:

— “Na cacimba grande da igreja de São Francisco de Canindé, até na sêca de 77 se tirou água!”

— “A cacimba do Mergulhão é farta; deu água até na sêca dos três oito!” (4)

Acontece, por exemplo, que, numa fazenda, só há pasto em tal parte e água em tal outra, distantes uma, duas, três léguas. Ora, o gado que, durante o dia, comeu no lugar onde tem pasto é obrigado a andar, de tarde, duas léguas, para beber no lugar onde tem água; de noite, caminha outro tanto para voltar à pastagem. Isto aos poucos o enfraquece. A necessidade de beber água é muito mais forte na sêca do que no “inverno”, não só por causa do calor, mas também porque o capim ressequido não contém a mínima parcela de umidade. E que imensa tortura não é a do gado alimentado deficientemente, rompendo o mato sêco a apartar espinhais, andando por veredas invias, pedrentas, num calor acabrunhante, para beber uma água infamemente salobra, com uns longos de sal de ferro, avermelhada algumas vêzes, leitosa outras, às vêzes toda palhetada de caparrosa esverdinhada, luzente, com estrias dum brilho fôsko de estanho!

É horrível essa quadra no sertão: e ao pôr do Sol, um pôr de Sol sem trinados de pássaros, sem cíciar de ramas à brisa, a alma se recolhe numa grande saudade, quando os periquitos passam em bandos, grasnando, rumo das praias, — últimas fileiras do êxodo da passarada. À noite, tarde, o sertanejo acorda ao urrar faminto duma rêz junto à casa da fazenda; e, quando ela, cansada, muge baixo num estertoramento, ouve o saudo: o piar longínquo dum bando de marrecas que emigram para mais doces paragens, voando pelo negrume sem fim do céu, como que perdidas em grande isolamento. Ele escuta e murmura acabrunhado, deixando adivinhar lágrimas no dolorido da voz, embora acalcanhe, reagindo, o seu acovardamento: “Lá vão as marrecas para o Maranhão!”

A Lua surge, espia por trás dos agudos píncaros das altas serras o sertão que dorme envolto em trevas; depois, ascende e clareia-o todo; os esqueletos das catingas perfilam-se hirtos e negros, destacados na brancura láctea da luz, que se espalha, razando o recôsto bombeado das colinas e as várzas sem fim, dando à paisagem um aspecto tumular de natureza morta...

(4) 1888.

\* \* \*

Às vêzes, não falta a água, mas falta o pasto, tendo as mesquinhas chuvas do "inverno" somente criado bamburrais e tiriricas. Outras, o "mal triste", o "mal do rengo", os carrapatos parasitários, salteiam o gado. Doutras ainda, no fim do "inverno", o matapasto invadiu ferozmente as pastagens, amanhando-as, ou o tinguí nasceu, a granel, por entre o capinzal.

O tinguí é uma malpighiácea e o terror dos criadores. As rêzes famintas comem-n'o e se envenenam. Se a intoxicação não fôr completa e a rêz não correr ou cansar, pode escapar; mas, se der o menor chôto, morre.

Enfim, um dia, o gado começa a cair de fome, de sede e de fadiga. É a época mais terrível: é quando o nortista mostra a sua energia inflexível, quando mais se acrisolam suas faculdades combativas, e mais se enrija, e mais se robustece sua titânica virilidade. Um minuto de fraqueza, um momento de desânimo, um instante de desencorajamento — e o sertão esmaga-lo-á. Mas êle não se abranda e nem se verga. Só contra a impassibilidade da natureza, luta, luta sempre. Alguns desertam as fileiras; mas os que ficam continuam o combate.

É daí, não seja, talvez, paradoxo dizer — que a sêca é um fator de progresso, porque fórma e molda uma raça de fortes.

\* \* \*

Quem primeiro cái no descampado escaldante das várzeas é o "*gado de curral*". "*Gado de curral*" chama o matuto às vacas de leite. É o gado mais fraco e mais necessário à fazenda. O *gado de sôlta*, bois, novilhos, touros e garrotes, custa a cair; é áspero, semi-bravio e de uma resistência a toda prova. Quando cái, é sinal de que a sêca é medonha, o isorde (5) como diz o sertanejo — terrível e a mortandade espantosa.

Em se sabendo que uma vaca caiu, vai-se "levantá-la a páu" — o que pode parecer selvageria. "Levantar a páu" é erguer a rêz doente por meio de grossas varas, passadas por sob o ventre, que seis ou oito homens vão levantando, com cuidado, pegando-as às pontas. Posta, assim, a enfraquecida vaca de pé, põem-na na "rêde"... A "rêde" é um tôsko aparelho primitivo — uma espécie de giráu, onde se coloca a rêz de modo que fique

(5) Corruptela de desorden.

com os pés no chão, as pernas pendidas naturalmente e a barriga descansando num estrado de madeiras, todo forrado de junco e capim seco. Às vezes, substituem o estrado por um largo pano de estôpa forte. Desta maneira, a vaca não cai e não se fere, mais se enfraquecendo em baldadas tentativas para erguer-se, como faria, se ficasse tombada no solo nú, concentrado e tórvo. A "rêde" é sempre à sombra de um juazeiro, onde ela fica quieta, muda, magra, ossos furando a pele chagada, leprenta, côr-de-cinza, encontros feridos, com postemas rôxas, onde negrejam moscardos buliçosos.

Dão-lhe água, ramas murchas, carôço de algodão à boca. Nem forças tem para se abanar com a cauda e o seu olhar amortecido, glauco, inexpressivo, fita o céu azul num grande desalento, como se mudamente interrogasse porque sofre... É, coisa interessante! mêses depois, quando o "inverno" volta e ela, tendo escapado, é tirada da rêde, não sabe mais andar para a frente e, cômicamente, começa a andar de costas. É necessário que uma pessoa a enxote, para que, de novo, ande direito.

Muitas vezes, numa fazenda tem quinze vacas na rêde! A tarefa paciente e lenta de lhes dar comida e água leva muito tempo e ocupa muitas pessoas. E outras caem. A água continuava a faltar. Outras continuavam a cair. Não há tempo nem meios para acudir a todas. Ficam umas no chão; e ali morrem de fome e sede sob o látego impiedoso da luz, línguas ásperas pendidas, membros lassos num grande desfalecimento, quase sem convulsões — uma ou outra mais semelhante a um estremeção, de quando a quando — gemendo com um gemer fraco, soturno, estertorante, que demora no ar como um longo, repousado lamento.

Não há nada mais triste e comovente do que essa quadra da vida horrível dos sertões. Se nos mêses de "inverno" chove, tudo vai bem: volta a fartura a dar novas forças contra a miséria, torna a abundância a preparar e o corpo para a necessidade, os mêses de abundância larga a fazerem esquecer os de fome e sede que passaram. Mas, se nesses mêses, assim ansiosamente esperados, não cai do céu vasto e mudo a doce esmola duma gota d'água — é a seca propriamente dita, a crise, a miséria, a fome, a sede, o desabar dum acastelamento de esperanças, o afundar-se dum mundo de desejos. Então, muito sertanejo derrotado abandona a terra e vai, para a miragem fabulosa do Amazonas, desdobrar contra a invia selvaticueza daquela natureza de portentos as energias que a luta lhe armazenara, desde criança, na alma corajosa.

\* \* \*

O último recurso da luta contra a seca é a *cacimba*. A cacimba é profundamente cavada no solo, toda cercada em tórno para que, das ribanceiras, os animais não tombem; a entrada é cavada em ladeira de suave declividade, para que o gado já fraco, ao ir beber, não escorregue e caia de quando em quando, ferindo-se e cansando-se. A água é sempre feia, sempre suja e sempre má. Uma cerca leve divide-a quase ao meio, tendo ao pé das estacas, estendida, uma longa carnaúba, de maneira que o gado somente pode beber num pequeno espaço de dois ou três palmos, o que o impede de sujar a água e de toldá-la. Onde o gado bebe chama-se bebedouro e à carnaúba — “páu do bebedouro”. À proporção que a água vai faltando, vai-se recuando a carnaúba — e quanto mais frequente fôr esse recuo, mais feroz lavra a seca, mais ardente anda o sol a chupar com criminosa avidez as últimas gôtas d'água.

Às vêzes, o sertanejo diz:

— “Na fazenda de Fulano ainda está bom: muda-se o páu do bebedouro de três em três dias.”

Ou então:

— “Na Pedra Negra, a seca está danada: muda-se o páu do bebedouro de manhã e de tarde!”

A água ameaça faltar. Põe-se um moleque, armado de vara ou chicote à porteira da cacimba. A réz bebe uma certa quantidade e sai. Se quer voltar para beber mais, não pode. O moleque não consente. A água vai em rações, como a bordo, quando a bolacha falta, ela escasseia e a calmaria estende as velas sem vida ao longo dos mastros altos.

Nêsse período de miséria, um fato pinta a franca largueza do sertanejo: êle jamais enxota ou fecha a porteira de sua cacimba ao gado da vizinhança, porque o mesmo a vizinhança faz com o seu.

Um dia — dia amargo e horrível — a cacimba da fazenda seca inteiramente. É preciso cavá-la mais. Cava-se, aprofunda-se; e a rocha rechina aos pontacos penetrantes do alvião. Às vêzes, novamente se encontra água. Outras, a picareta dá numa piçarra, calcáreo mole, semi-decomposto, que demora o serviço. Passa-se a camada da piçarra. Já a escavação é profunda, e a gente lê nas estratificações do terreno, núas, descobertas, umas sinuosas, bruscas, bifurcando-se, outras retas, direitas, duras, toda a formação daquele solo, onde os folhelhos endurecidos rompem

camadas fortes de arenitos, os granitos furam a crôsta em pontas rudes, o gnaíse cinde-se em lajes denteadas, as micas aluminam em palhetas, e os cretáceos alternam com quartzitos e xistos argilosos. A água brota, mas uma água impregnada de sais de ferro, de sulfatos, de caparrosa, em tal quantidade que as mucosas se engelham, que o gado cheira, urra lentamente e não bebe. Muitas vèzes é água boa. O gado sorve-a alegremente. Mas dentro de dois, três dias faz-se a decomposição química nos suprimentos subterrâneos e ela se torna intragável, ferruginosa, repelente. E o gado, que já a experimentara, demora à beira da cacimba, cheira-a, lambe as bordas lamacentas com incredulidade; depois, urra com a cabeça no ar, os olhos úmidos luzentes e fios de baba amarelada escorrendo dos cantos hiantes da larga bôca.

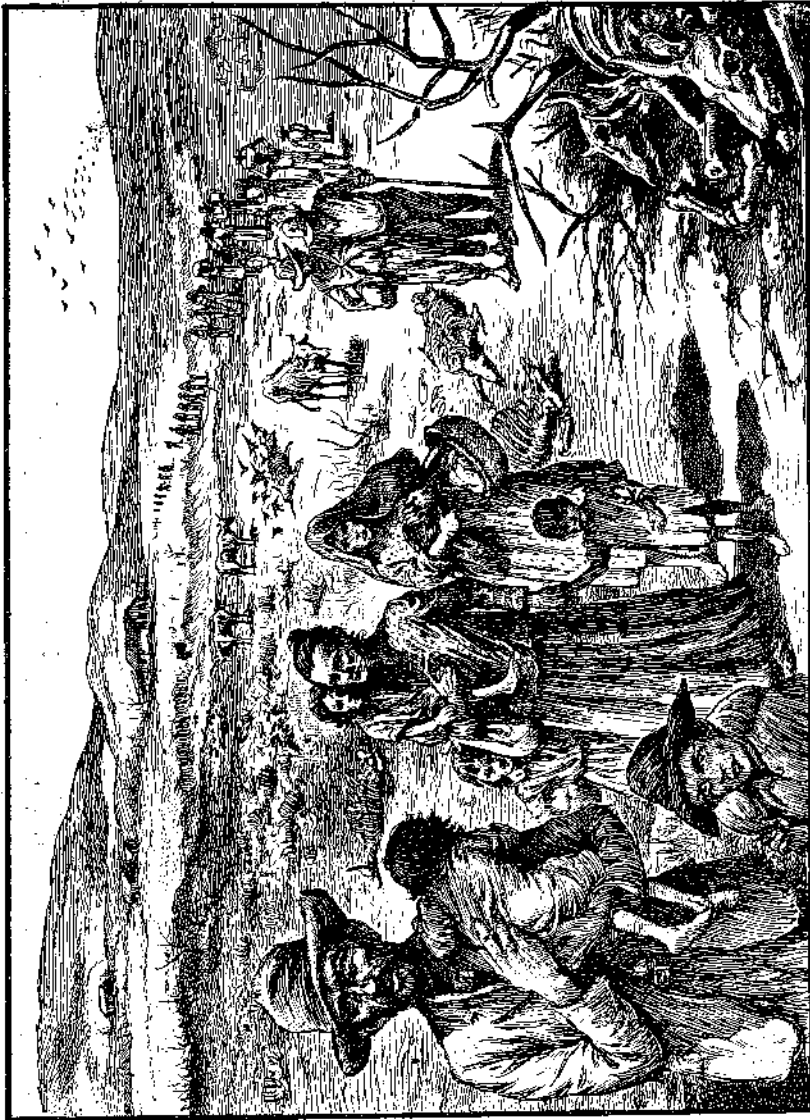
Diz o sertanejo que a cacimba "salgou".

Abre-se outra. O matuto sempre prefere os leitos dos rios, porque nêles a grande quantidade de rochas porosas do sub-solo mais ou menos retêm a água infiltrada. Quando não se acha água, anda-se a tentar desvãos de serrotas, a procurar baixios alagadiços, vazantes de açudes. Muitas vèzes nunca se encontra. Muda-se, então, o gado para outra ribeira, onde o "inverno" tenha sido melhor e maiores, portanto, sejam os recursos; para o litoral até. E, nessas "retiradas", os caminhos ficam semeados de ossadas que os urubús limpam e o Sol, depois, embranquece... Nos tabuleiros alegres do litoral, o barbatimão venenoso, entre-meado às moitas de ramas cheirosas, espera também o gado infeliz, no silêncio traiçociro dos vegetais covardes...

A luta pela água é uma coisa horrorosa. Nada mais silencioso e mais formidável! Luta de vida e de morte, luta do homem contra a rocha, das energias dum coração contra as energias da natureza inteira! Nada é mais selvático do que cavar, sob a abrazadora canícula da sêca, uma cacimba a picareta e a pá. Além da cacimba do gado, tem-se que cuidar da cacimba para a gente, menor e de água também melhor, que, às vèzes, fica a léguas de casa. Quando ela séca também, o matuto bebe a mesma água que o gado, com caparrosa, com detritos, com lama, com urina de boi e fezes de guaxinim (6).

Iloje em dia, no sertão inteiro se constróem açudes, pequenos e grandes, de alvenaria e de barro socado. Cada fazendeiro faz o seu, conforme pode. É já um lenitivo às agruras dos fla-

(6) *Procyon-cancrivorus*.



*Retirantes da sãca no Nordeste*  
(Desenho de Seth)